

Masculinidade e Teologia

*Adilson Schultz**

RESUMO

A teologia trata de masculinidade e gênero porque sabe que essas categorias afetam a manifestação de Deus no mundo, o discurso sobre Deus nas Igrejas e na academia e seu testemunho no mundo. Homens oprimidos e opressores e relações de gênero sexistas solapam o masculino enquanto criação divina. Experiências opressoras e libertadoras no âmbito da paternidade, o estudo dos modelos masculinos na bíblia, a experiência da violência no universo masculino e a imagem masculina de Deus são campos férteis para debater e forjar novas relações de gênero e, em consequência, novas relações de homens e mulheres com Deus.

Palavras-chave: Teologia; Masculinidade; Paternidade; Violência.

Masculinity and theology

ABSTRACT

Theology deals with masculinity and gender because it knows that these categories affect the manifestation of God in the world, the discourse about God in the Churches and in academy, and its testimony in the world. Oppressed and oppressive men and sexist gender relations undermine the masculine while divine creation. Oppressive and liberating experiences in the field of paternity, the study of masculine models in the Bible, the experience of violence in the masculine universe, and the masculine image of God are fertile fields to debate about, and to forge new

* Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia em São Leopoldo (RS), pastor luterano em Belo Horizonte - IECLB, pesquisador do Núcleo de Pesquisa de Gênero e do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo - IEPG/EST. E-mail: adilson@luteranos.com.br

gender relations and, in consequence, new relations of men and women with God.

Keywords: Theology; Masculinity; Paternity; Violence.

Masculinidad y teología

RESUMEN

La teología se ocupa de la masculinidad y clase porque sabe que estas categorías afectan la manifestación de Dios en el mundo, el discurso sobre Dios en las iglesias y la academia y su testimonio en el mundo. Hombres oprimidos y opresores que oprimen y las relaciones de género sexistas que refuerzan lo masculino como creación divina. Experiencias opresoras y libertadoras en el ámbito de la paternidad, el estudio de los modelos masculinos en la biblia, la experiencia de la violencia en el universo masculino y la imagen masculina del Dios son campos fértiles para discutir y forjar nuevas relaciones de género y, en consecuencia, nuevas relaciones de hombres y mujeres con Dios.

Palabras clave: Teología; Masculinidad; Paternidad; Violencia.

1. Masculinidade: o que a teologia tem a ver com isso?

A teologia é poderosa matriz dos discursos sobre masculinidade e relações de gênero, seja no uso que faz da bíblia, na legitimação do *status quo* sexista promovido pelas igrejas, nos interditos ao exercício do ministério feminino, na liturgia cültica, no anúncio que faz e fez de Deus, na formatação das estruturas eclesiais e, obviamente, nos discursos libertadores que anunciam formas plenas de vivência do masculino.

Os diferentes discursos sobre masculinidade moldam não apenas a relação dos homens com os homens e destes com as mulheres, mas também dos homens e das mulheres com Deus. A linguagem teológica clássica está evidentemente masculinizada. A imagem de Deus é masculinizada. A teologia se pergunta e pergunta aos homens e às

mulheres o que eles e elas têm a dizer a Deus e sobre Deus, e, em seguida, busca escutar o que Deus tem a dizer para homens e mulheres.

Um dos exemplos mais evidentes da influência da teologia na constituição da masculinidade está no uso cultural da Bíblia. Não obstante a aparente secularização institucional da sociedade, os modelos-personagem bíblicos seguem condicionando amplamente as relações de gênero, os indivíduos, o imaginário social e as estruturas vivenciais, seja na escola, na Igreja, na família e na cultura em geral. É notória, por exemplo, a identificação do homem com Adão – *o homem é a norma por ter sido criado primeiro*; ou com Sansão – *o homem não é nada quando perde os músculos*; ou com Salomão – *o homem deve ser esperto, inteligente e mulherengo*. Ou então a identificação das mulheres com Eva – *mulheres são sempre tentadoras e culpadas!*; ou com Maria, mãe de Jesus – *boa mulher é aquela que sempre dizem 'sim, senhor'*; ou, mais recentemente, com as parteras do Êxodo ou as discípulas/misionárias do cristianismo primitivo – *mulheres protagonistas e líderes*.

Trabalhar com textos bíblicos que relatam experiências masculinas opera uma transferência dessas experiências para o âmbito do sagrado e normativo. Os homens lêem os textos bíblicos como normativos, e interpretá-los à luz das teorias de gênero provoca movimentos políticos, familiares e sociais de profunda mudança nas relações. Textos bíblicos que relatam casos de violência, como estupro, prostituição, corrupção, parricídio, infanticídio, assassinato, adultério etc., iluminam e evidenciam o mundo de hoje, funcionando como espelhos da realidade. Por outro lado, textos como os do Bom Samaritano, e Jônatas e Davi, de Esaú e Jacó, de Jesus e os discípulos etc. propõem novas relações de gênero, evidenciando, sobretudo, o cuidado de homens por outros homens e outras mulheres.

Homens que se reúnem para conversar sobre masculinidade e estudar bíblia, relações de gênero e teologia: lentamente esse inusitado tipo de encontro vai tomando as igrejas e movimentos sociais. Na leitura em grupo os homens se vêem confrontados com os dilemas e estratégias da

construção do masculino. Num instante, estão vivenciando e observando diálogos e experiências profundas... Como no acirrado debate bibliodramático entre Hamor e Jacó, pais de Siquén e Diná, jovem casal que viveu uma conturbada história de amor (Gn 34). O diálogo foi construído por Carlos e Agenor, num encontro de homens da Igreja Evangélica de Confissão Luterana em Água Boa (MT), em 2005:

Hamor: *Você devia ter cuidado melhor da SUA filha.*

Jacó: *Mas ela foi estuprada justamente pelo SEU filho.*

Hamor: *Ela não foi estuprada; eles transaram por amor.*

Jacó: *Sem o MEU consentimento, dá no mesmo.*

Hamor: *O MEU filho é macho, e não resistiu à tentação.*

Jacó: *Muitos outros resistiram... SEU filho é um criminoso.*

Hamor: *Se fosse SEU filho que tivesse estuprado uma mulher, você ia querer a morte dele? E depois, não foi estupro mesmo; ela queria.*

Jacó: *Eu eduquei MEU filho como homem; jamais seria um criminoso.*

Hamor: *Vamos esquecer NOSSOS filhos: eu te dou cinquenta cabeças de gado*

Jacó: *A honra da MINHA filha nunca será reparada com cabeças de gado.*

Hamor: *Agora já está feito, e você pode ganhar alguma coisa.*

Jacó: *Setenta?*

O discurso da teologia sobre masculinidade e relações de gênero faz sentido quando agenciado em meio à vida de homens e mulheres e suas relações. Aí ela diz *como é* a vida dos homens, o que eles dizem, fazem e, sobretudo, crêem. Como em todos os movimentos teológicos, apenas num segundo momento a teologia diz ou deveria dizer *como deve ser* a vida dos homens. Certamente há uma experiência teológica fundamental de *como se espera* que um homem e suas relações sejam, baseado na Revelação – *o Novo Homem em Cristo* –, mas esse passo também é dado em consonância com o contexto, considerando as nuances históricas e sociológicas das relações. A teologia fala primeiro *como é* e, a partir disso, amparada na revelação em Jesus Cristo, cria seu discurso sobre *como deveria ser*.

2. Masculinidade: o que os homens tem a ver com isso?

A teologia ocupa-se com o tema da masculinidade considerando os estudos no campo das relações de gênero. O campo psicológico-comportamental certamente é o que está em maior evidência, dada a divulgação na mídia e o debate acadêmico em torno dos novos *modelos de homem* e, sobretudo, da assim denominada *crise do masculino*. Mas há também outras entradas, como a questão do direito da mulher, a estrutura sexista da sociedade e mesmo o debate em torno de poder.

A teologia reconhece que tratar de masculinidade é uma questão de justiça humana e justiça divina. Ao reconhecer as estruturas patriarcais e sexistas que solapam a dignidade da mulher e estabelecem o masculino como superior, a teologia se mobiliza e incentiva novas relações de gênero, de acordo com a dignidade e justiça pretendida por Deus. Cativada ou desafiada pelo feminismo, a teologia reconhece que as mudanças nas relações de gênero afetam o todo da estrutura social, inclusive de sua própria.

A teologia reconhece que *o novo homem* em gestação afeta o jeito como a teologia é feita acadêmica e eclesialmente. Homens e mulheres não ficam diferentes apenas pelo fato de desempenharem tarefas domésticas ou assumindo tarefas públicas. Se o *novo homem* que vai sendo forjado é mais carinhoso, mais dedicado à educação dos filhos e à realização de tarefas domésticas, colocando em xeque o modelo normativo de masculino tido como racional, dado ao público e distante dos filhos, essa mudança não se dá apenas no âmbito particular ou social, mas afeta a forma como se debate teologia. Por um lado fica evidente como é vedado aos homens o desenvolvimento de uma série de experiências classicamente tidas como femininas – ternura, expressão de emoções, cuidado etc. Por outro, como a supressão dessas experiências solapa a dignidade masculina. E ao solapá-la, coloca em xeque também a imagem de Deus, buscando-se equivocadamente o *lado feminino* da divindade. Nesse sentido, todo discurso que busca destacar os tidos *aspectos femininos* do masculino – ternura,

compaixão, amizade, afetividade, cuidado etc. – corre o risco de perpetuar categorias dicotômicas opressivas nas relações de gênero. Todas elas são construções culturais. Assim como ternura não é da essência feminina, ela também não é atributo feminino de Deus.

A teologia reconhece que o modelo hegemônico de masculinidade – macho, forte, empreendedor, bem sucedido, sexualmente potente, racional – oprime ou pelo menos constrange uma série de homens que não conseguem *cumprir* todos os requisitos do modelo, afetando-os como boa imagem de Deus. As masculinidades subordinadas – fracos, pobres, idosos, homossexuais – forjam reações à pressão do modelo hegemônico, visando desarticular o sistema que o engendra. A educação familiar e escolar, a religião, a mídia etc. são potentes fontes e veículos sobre os quais se assentam os modelos de masculino, e a teologia ataca essas áreas visando reconstruí-las. O testemunho do Deus da revelação bíblica clama amplamente por uma mudança nesse sistema, seja socorrendo a vítima, denunciando a opressão ou criando estruturas de mudança.

A teologia acompanha os homens e as mulheres nas eventuais crises psicoespirituais que advêm das mudanças na identidade masculina. Essas mudanças necessitam de arranjos que não estão sendo plenamente acompanhados pelos homens, o que ocasiona conflitos de identidade. A contribuição da teologia se dá no sentido de realizar investigações para descobrir como se desenvolve a identidade masculina, sobretudo seus meandros espirituais. Ouvir e conhecer melhor como e por que os homens crêem, estudar suas emoções, sua fé e seus processos de constituição visa não apenas forjar relações de gênero equânimes mas, também, provocar amadurecimento espiritual. Quais os medos dos homens? Que angústias e esperanças nunca são contadas ou são interditas? Ao contrário do que se convencionou, homens precisam de ajuda para serem homens melhores.

A teologia reconhece que a estrutura sexista e patriarcal oprime também os homens. Além dos interditos nas expressões espontâneas de emoções ou afetividade, há direitos humanos tolhidos, como acesso a informação e saúde. Quase inexitem, por

exemplo, programas públicos de saúde, prevenção e proteção para os homens. A maternidade é muito mais valorizada que a paternidade em todos os âmbitos sociais, na igreja, na escola e na mídia. Homens morrem em média oito anos antes da mulher, são as maiores vítimas de violência, têm doenças por causa da falta de cuidado ou conhecimento do corpo, sofrem angústia quando não conseguem prover a casa, quase nunca podem expressar emoções etc. Há ainda preconceitos estabelecidos que geram exclusão dos homens, como serem taxados de insensíveis, dizer que eles *são todos iguais*, que precisam agüentar tudo e ser fortes o tempo todo, que são agressivos, que são pais ausentes, que não precisam de médicos. Assim, paradoxalmente, os homens dizem que o preço que se paga para ser homem é muito alto.

Curiosamente, parecem ser aspectos psicossociais aqueles que mais mobilizam os homens nos estudos das relações de gênero, estabelecendo a discussão a partir das precariedades masculinas – *o homem está em crise; o homem é violento; o homem é o opressor*. Raramente questões positivas vêm à tona, e aí experiência do masculino cai no clichê que o associa a patriarcalismo e sexismo, confundindo *masculino* com *machismo*. Para as mulheres, por outro lado, a discussão é forjada, sobretudo, pela reivindicação de direito, e aí pela militância em prol da necessidade de correção de injustiças. É lógico que os homens – os heterossexuais, em especial – seguem sendo privilegiados no sistema patriarcal. Os homens não vêem seus direitos tolhidos explicitamente. Em outras palavras: para as mulheres a questão é pública; para os homens, é do âmbito privado. A mulher faz o movimento da casa em direção à rua, do privado ao público; o homem inverte a direção, indo da rua, do público, para casa, para o privado.

A teologia reconhece estruturas de poder desiguais entre os homens. Que tipo de relação de poder há, por exemplo, entre homens homossexuais e heterossexuais? E entre meninos e homens? O que os homens negros têm a dizer para os homens brancos? O que os homens pobres dizem sobre masculinidade? Além disso, ao estudar as relações

de poder, é possível relativizar as dicotomizações clássicas *homens algozes versus mulheres vítimas* ou, no caso da *crise da masculinidade*, de homens vítimas e mulheres culpadas.

A teologia sabe que os estudos sobre masculinidade acrescentam elementos novos ao campo de estudo das relações de gênero e à teologia feminista, forjando novas categorias analíticas que escapam quando gênero diz respeito apenas ao feminino. Uma das mais evidentes são as questões relativas à paternidade.

3. Paternidade: o que a teologia tem a ver com isso?

A *parábola do filho pródigo* (Lc 15) é um dos textos mais comoventes, instigantes e edificantes da bíblia. No conflito do filho pródigo com seu irmão está o retrato do dilema do crente entre a aventura e a fidelidade a Deus. Na cena do filho pródigo que passa fome, o retrato da miséria humana quando o crente está afastado de Deus. E no abraço acolhedor que o pai dá no filho que volta para casa, a representação maior do amor incondicional de Deus pela criatura, também pelos homens.

É no mínimo curioso que Jesus associe o amor incondicional de Deus à figura do pai. Não seria melhor uma mãe? Não é ela que geralmente está associada a saudade, braços abertos e perdão? Jesus parece provocar e querer desinstalar as idéias que se tem tanto de Deus quanto de paternidade.

Por um lado, a parábola *anuncia e provoca* uma nova imagem de Deus. A experiência de fé de Jesus permitiu que ele chamasse Deus de Pai, tirando de Deus aquele ar austero e distante. Pode-se até dizer que o cristianismo nasce dessa experiência de poder chamar Deus de Pai. O Deus de Jesus e dos cristãos é um pai amoroso; que disciplina, mas ama o perdão.

Por outro lado, a parábola *anuncia e provoca* uma nova imagem de pai. A experiência de fé de Jesus permitiu que ele visse uma relação de pai-filho alicerçada no perdão, no amor incondicional e no abraço. Esse pai zela pela disciplina na educação dos filhos, mas não a confunde com

agressividade ou violência. Coloca limites necessários, mas não os confunde com restrição da liberdade. É um pai que às vezes se fecha e diz não, mas que também arrisca, confia, abre os braços e solta o filho – para depois, se necessário, recebê-lo de volta de braços abertos.

É grande e bela a tarefa da paternidade, pois está associada à imagem de Deus. Ter boa imagem do pai colabora para que se tenha uma bela imagem de Deus. Se o filho pródigo tivesse medo do pai, como poderia voltar para casa e pedir perdão? Se o fiel tem medo de Deus, como terá coragem de pedir perdão? A parábola do filho pródigo e do pai amoroso é um chamado ao exercício da paternidade plena.

A associação da imagem de Deus à figura do pai certamente tem muitos limites. Graças à teologia feminista, viu-se que muitas vezes as incertezas e os abusos da paternidade podem comprometer a imagem que o fiel tem de Deus. O modelo de paternidade experimentado pela maioria dos homens não é satisfatório – nem para o pai, nem para os filhos e as filhas, nem para a mãe. Apesar de ser seguramente a mais forte representação de Deus em nível comunitário-eclesial, a imagem de Deus Pai tem sido atacada, hostilizada e negada por círculos teológicos e pastorais. A teologia feminista mostrou acertadamente os problemas advindos da identificação exclusiva de Deus como pai – conseqüentemente masculino. A identificação de Deus com a figura do pai pode tolher a experiência com o divino – um filho que sofreu violência do pai dificilmente vai identificar Deus com amor. Sabe-se que o pai é o primeiro e mais forte modelo de homem que os filhos têm. Muitas vezes os pais são distantes dos meninos, sem intimidade e afetividade. A partir da adolescência, por causa do medo da homossexualidade e da homofobia engendrada, a distância é ainda maior, privando o menino de experiências fundamentais para a formação da masculinidade, sob pena de gerar homens que no futuro terão dificuldades em relacionar-se com outros homens.

Não obstante os problemas, não parece possível privar as pessoas dessa identificação de Deus com a figura de pai. Aí a paternidade torna-se um dos pontos teológicos mais urgentes na discussão de

gênero e masculinidade. Negar que Deus é pai pode significar estigmatizar os homens, negando de antemão a paternidade. Certamente também não é um caminho acertado a criação de uma espécie de andrógino, a figura de Deus Pai-Mãe, espécie de *pãe*, uma representação irreal e inexistente – embora muitas mulheres e alguns homens tentem e precisem desempenhar socialmente os dois papéis. A questão é: apesar do estigma que paira no âmbito teológico feminista e no campo dos estudos das relações de gênero, será possível resgatar a figura de Deus Pai, reconstruindo-a a partir de novas configurações de gênero?

A questão Deus-Pai pode ser ampliada para a figura do masculino na identificação com a divindade. Quando se fala de *Deus de justiça*, por exemplo, ou de *Deus justo*, o identificamos com um homem ou com uma mulher? Por que um Deus amoroso necessariamente deve ser identificado com a mãe e um deus castigador com o pai? Aí a teologia está no limite da própria identificação antropomórfica de Deus. Em última análise, Deus é criador do ser humano, não seu pai ou sua mãe.

No debate sobre masculinidade precisa ser tratada também a questão da paternidade *compulsória*. Há uma vigilância social e eclesial do modelo *homem-pai-Abraão* que diz que *homem que não é pai não é homem de verdade*, associando a essência última da masculinidade à paternidade. E o que fazer com os tantos homens que não são, não serão ou não querem ser pais? Há homens heterossexuais e homossexuais que optam por não ter filhos, há homens homossexuais que não podem ter filhos, etc.

Outro tema associado à paternidade é a educação dos filhos. Muitos pais preocupam-se em demasia com a possibilidade de o filho vir a ser homossexual. Muitos meninos precisam provar o tempo todo para os pais e para os amigos que eles são heterossexuais. A homofobia generalizada incrustada nas famílias e, de maneira especial, nos homens, é um dos temas mais preocupantes e dos quais se tem menos debate nas discussões sobre masculinidade. A família preocupa-se muito em provar o tempo todo que o menino é *macho*. A pressão do *fantasma da homossexualidade* conduz

os meninos a considerarem errado ter contato com outros meninos. Isso gera solidão e comportamento agressivo dos homens.

4. Violência: o que os homens e a teologia tem a ver com isso?

Ciudad Valdense, Uruguai, 2002, seminário ecumênico Cura y Curación. No centro da sala, sete homens estudam detidamente o relato do bom samaritano, em Lc 10. Um texto só de homens – assaltantes, homem espancado, hospedeiro que cuida das feridas, Jesus, fariseus que questionam Jesus, o bom samaritano. Ao longo da vivência bibliodramática, um dos homens espancados à beira do caminho diz:

“Você ser espancado é a pior coisa que existe. Mas eu sobrevivi. Com orgulho mostro para vocês estas marcas de faca e paulada. Eu sou macho; sobrevivi.”

Outro homem espancado diz: “Não existe! Eu não existo. Eu não sou mais nada. Eu não sou nada caído aqui.”

Por fim, um homem *bom samaritano* diz:

“Nunca tinha cuidado de um homem. Foi um grande momento... A gente não aprende a cuidar. Não deve cuidar. Não gosta de cuidar. Não sabe cuidar. Cuidar é coisa de mulher. Aqui Jesus pode mudar a minha vida”.

Um das principais contribuições da discussão sobre masculinidade para as teorias do campo das relações de gênero e para a teologia passa pela questão da violência. É aí que os homens podem contribuir de forma direta e imediata. Além de serem os autores de mais de 95% de toda violência física praticada no mundo, são os homens também que mais sofrem violência física. Igrejas e espaços sagrados são locais seguros e criativos para tratar de violência masculina.

Os estudos da violência a partir dos estudos das relações de gênero têm também o mérito de livrar os homens de preconceitos e estigmas, mostrando que a violência de homem contra homem diz respeito a relações de gênero tanto quanto a violência de homens contra mulheres. A discussão não só

beneficia homens e mulheres, mas colabora na estruturação das categorias teóricas do campo das relações de gênero.

Imaginem-se duas situações de violência; uma envolvendo uma mulher e outra envolvendo um homem:

Situação um: uma mulher trabalha de vendedora o dia inteiro. Chega em casa à noite e cuida da casa, cozinhando, lavando, cuidando das crianças... O marido chega bêbado. O casal discute e o homem espanca a mulher e seus filhos pequenos.

Situação dois: um homem trabalha de vendedor o dia inteiro. À tardinha passa no bar e encontra os amigos. Discute com outro homem no bar e o espanca violentamente. Volta para casa bêbado, discute com a mulher e a agride fisicamente. E ainda espanca as crianças.

O que gerou essas situações de violência? O que se pode fazer para interferir positivamente nelas? A resposta clássica no campo dos estudos de gênero para a situação um seria assim: a mulher sofre uma violência por causa das relações sexistas estabelecidas pelo sistema patriarcal a que está submetida. A explicação está correta: as mulheres são oprimidas; nesse caso, especificamente, uma mulher é oprimida pelo seu marido.

Agora, o que se diria da situação dois? Geralmente a questão gênero não é levada em conta. A resposta clássica seria mais ou menos assim: o homem é um agressor, e merece ser condenado e punido por isso. Talvez se diria também que o homem é vítima do *sistema capitalista* que o oprime. Se ele for pobre, estava afogando suas mágoas e sua pobreza na bebida, sem perspectivas, sem apoio, e acaba descontando na mulher. O que se diria numa perspectiva dos estudos de gênero sobre masculinidade? Certamente, a intervenção imediata e urgente em ambos os casos passa primeiramente pelo cuidado da vítima. O que fica evidente, no entanto, é que aspectos macrossociais são aplicados ao homem e microsociais, às mulheres. Isso gera, entre outras coisas, o sentimento de impotência diante da violência masculina: a mulher tem como *resolver* a situação, porque ainda está ao alcance das mãos e de entidades locais. E o homem? O que ele pode fazer contra o monstro *capitalismo*? A questão,

portanto, seria como forjar mecanismos para que os homens conseguissem tratar dos problemas da masculinidade, como a violência, também no micro.

O fato é que grande parte da intervenção nos casos de violência adota uma estrutura vitimária e culpabilizante. O homem não tem toda a culpa pela disparidade nos direitos de gênero, embora mesmo inconscientemente usufrua das estruturas sexistas em seu proveito. No geral, os limites entre patriarcado ou machismo e masculinidade ou masculino são muito tênues no senso popular. No fundo a questão é: como dedicar atenção ao agressor superando os desejos secretos de apenas puni-lo?

As discussões de gênero e masculinidade permitem uma abordagem diferente do homem dentro do ciclo da violência. O tratamento dado ao homem agressor e à mulher agredida é diferenciado, na medida em que a mulher é *atendida* na fase final do ciclo da violência, após a agressão. O homem, quando abordado, também é na fase final, mas aí ele é denunciado, não socorrido. Como socorrer os homens antes? Como propor formas de atingir os homens em momentos diferentes do ciclo? O que fazer para recuperar homens violentos? As discussões e os debates em torno das relações de gênero são uma boa estratégia, coibindo desde os micromachismos – por exemplo, contar piadas sexistas menosprezando mulheres e masculinidades subalternas – até a ponta da pirâmide da violência, a violência sexual, passando pela violência física, psíquica e emocional. Esta tarefa certamente é uma das mais desafiadoras para os homens engajados nas discussões de gênero.

São os homens os grandes responsáveis pela violência e os mais responsabilizados. Ainda estão por ser forjadas situações e estruturas que levem os homens a se responsabilizarem pelos homens vítimas de violência e, sobretudo, pelos homens violentos ou espancadores. Como cuidar de homens violentos?

Ao estudar as relações de gênero e a masculinidade, a teologia descobre os meandros religiosos que justificam ou testificam a violência. As imagens antropomórficas de Deus associadas a guerra, sangue, sacrifício, assassinato de inimigos religiosos, espancamentos, coação e perseguição religiosa são um convite à divinização da violência e do homem violento. Recuperar e dinamizar

imagens masculinas de Deus associadas a homens que cuidam, que pensam, que doam e que partilham é o caminho teológico inevitável da associação da masculinidade à paz e à justiça.

Referências

- BADINTER, Elisabeth. *XY: sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- CUSCHNIR, Luis. *Homens sem máscaras: paixões e segredos dos homens*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- DEIFELT, Wanda, STRÖHER, Marga e MUSSKOPF, André S. (orgs.). *A flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: EST / Sinodal / Cebi, 2004.
- EILBERG-SCHWARTZ, Howard. *O falo de Deus e outros problemas para os homens e o monoteísmo*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- GEBARA, Ivone. *Teologia ecofeminista*. São Paulo: Olho d'Água, 1997.
- GOLDENBERG, Mirian (org.). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- GÖSSMANN, Elisabeth et al. *Dicionário de teologia feminista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GROSSI, Miriam Pillar. *Identidade de gênero e sexualidade*. UFSC [publicação interna].
- JOHNSON, Elizabeth A. A masculinidade de Cristo. In: FIORENZA, Elizabeth S., CAAR, Anne (dir.). *Revista Concilium*. Petrópolis: Vozes, v. 6, n. 238, p. 120-129, 1991.
- KIMMEL, Michael S. *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas*. *Horizontes Antropológicos* – Corpo, doença e saúde. Porto Alegre: Programa de pós-graduação em antropologia social da UFRGS, a. 4, n. 9, p. 103-117.
- MUSSKOPF, André. *Uma brecha no armário: propostas para uma teologia gay*. São Leopoldo: EST, 2002.
- NELSON, James B. et. al.. *La sexualidad y lo sagrado: fuentes para la reflexión teológica*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1996.
- NOLASCO, Sócrates. *De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- ROESE, Anete. Espelho, espelho meu: há alguém neste mundo mais justo do que eu? Crítica e autocritica para um diálogo com o "inimigo" – a homossexualidade. In: SCHEUNEMANN, Arno V. e ROESE, Anete (orgs.). *Homossexualidade, conjugalidade e violência: alternativas de compreensão e perspectivas de vida*. São Leopoldo: Oikos / Abac, 2005. p. 88-123.
- SCHULTZ, Adilson. Isto é o meu corpo – e é corpo de homem: Discursos sobre masculinidade na bíblia, na literatura e em grupos de homens. In: DEIFELT, Wanda, STRÖHER, Marga e MUSSKOPF, André S. (orgs.). *A flor da pele: ensaios sobre gênero e corporeidade*. São Leopoldo: EST / Sinodal / Cebi, 2004.